

O VOCABULÁRIO SEXUAL LATINO EM CATULO

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

ff017066@gmail.com

RESUMO

Vasto é o léxico do vocabulário sexual latino. Para sua composição, grande foi a contribuição do célebre filho de Verona. Catulo, ora para denegrir a imagem das pessoas outrora amadas e agora odiadas, ora para difamar e ridicularizar seus inimigos, quer na política quer nas disputas amorosas, fez, como nenhum outro escritor latino, uso do vocabulário latino voltado para a área sexual. Este vocabulário tem um leque semântico muito amplo: pode designar atos sexuais: *pedicabo* e *irrumabo*; pode ser formado a partir de metáforas, como ocorre com *mentula*; pode empregar palavras obscenas para designar o órgão sexual feminino, como *cunnius*. Além desses exemplos, abordaremos outros vocábulos que giram na órbita do vocabulário sexual. Assim sendo, o nosso trabalho terá por objetivo traduzir trechos de alguns poemas catulianos onde esse vocabulário está inserido, vindo, em seguida, a análise dele. Para tanto, recorreremos principalmente, como fonte de inspiração, à obra *The Latin Sexual Vocabulary*, de J. N. Adams.

Palavras-chave: Catulo. Vocabulário sexual latino. Latim.

1. Introdução

O fato de as gerações posteriores identificarem Catulo como um poeta que escreve coisas obscenas não é à toa. O sexo assume um papel de protagonista em sua obra, pois retrata bem o seu caráter. Embora pareça cru e desagradável em alguns ataques pessoais, o vocabulário sexual carrega consigo um caráter satírico e, em razão disso, não é apenas uma mera expressão que tem por objetivo chocar os leitores, mas se torna principalmente, no *calamum Catulli*, um belo recurso de ênfase. Muitos tradutores, quer por não entenderem isso, quer por medo de chocarem os leitores, recorreram e recorrem ao eufemismo e, assim, afastam-se do real significado de muitas palavras e aguçam a curiosidade do leitor, que, de pronto, percebe que há algo de errado ali.

Segundo Antonio Ramirez de Verger, em “Catulo – Poesias”, a fonte de inspiração do vate latino foi a *aischrologia* ou o *genus liberale iocandi*, frases tomadas de empréstimo às sátiras gregas e romanas de origem cínica e que se materializavam na *licentia volgi* e nos *graffiti*. Provavelmente, se não tivesse recorrido a este instrumento, as invectivas do vate teriam sido ensossas e sem graça, conforme ele mesmo testifica:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O poeta piedoso deve ser decente,
mas de modo algum seus versos. (*Carmen*, XVI)

O mesmo caminho trilhou Ovídio e Marcial.

Inúmeras são as pessoas que sofrem com os ataques do nosso poeta. Esses ataques vão desde autoridades, César e Pompeu, cidadãos comuns, Aurélio e Fúrio, militares, Mamurra, a sua grande paixão, Lésbia. Vale lembrar que, na verdade, não são ataques, mas sim contra-ataques, pois como ocorre no *carmen* XVI, ele apenas se defende das críticas de que seus versos são indecentes. Talvez, em especial nas invectivas contra Lésbia, o poeta deixe transparecer muito de ressentimento e “dor de cotovelo” por ter sido preterido e trocado por vários amantes.

Por fim, para realizarmos a nossa análise, fizemos uso de alguns poemas e de excertos de outros. Preocupamo-nos também em apresentar o resumo do poema a ser trabalhado a fim de que o leitor que, por acaso, desconheça a obra, possa entender o contexto em que determinada palavra ou frase está inserida. A tradução é nossa e buscamos ser os mais fiéis possíveis ao texto original, salvo, é claro, nos casos em que o literal fosse de encontro à índole da língua portuguesa ou viesse a chocar o leitor.

2. XV. *Ad Aurelium*

O poema em estudo foi endereçado a Aurélio, figura corrente na obra do poeta veronense e que sempre aparece como uma pessoa depravada. Assim se divide o *carmen*: do verso primeiro ao décimo terceiro, o poeta pede a Aurélio que deixe em paz um certo *puer*, que provavelmente deva ser o jovem Juvêncio (citado também nos poemas 24, 48, 81 e 99), objeto de desejo tanto de Catulo quanto de Aurélio; do quatorze ao dezenove, o poeta ameaça seu oponente e diz-lhe que, se ele continuar a tentar seduzir, conquistar e a usufruir dos favores sexuais do jovem, receberá o mesmo castigo que outrora recebiam os atenienses que praticavam o crime de adultério.

Vejam agora os versos 18 e 19:

*quem attractis pedibus patente porta
percurrent raphanique mugilesque*

a quem, com os pés afastados e com a saída aberta,
percorrerão rabanetes e tainhas

Nos versos acima, Catulo faz alusão a um castigo que era imposto aos adúlteros, a *raphanidosis*, ou seja, a introdução de rabanetes no ânus do adúltero. Esta prática, segundo Aristófanes, era uma forma de punir aqueles que cometiam adultério na Atenas Clássica, séculos cinco e quatro a. C. Juvenal também faz referência a este antigo castigo. (*Sátiras*, X, 314-317):

*exigit autem
 interdum ille dolor plus quam lex ulla dolori 315
 concessit: necat hic ferro, secat ille cruentis
 uerberibus, quosdam moechos et mugilis intrat.*

Merece destaque o emprego da palavra *porta* como metáfora para “ânus”, conforme testemunho de Adams (*The Latin Sexual Vocabulary*): “*Most examples of the metaphor in Latin refer to the anus...*”

Outro vocábulo digno de citação neste poema é a palavra “pênis”. Seu sentido original é “cauda” e passou a significar “pênis” através de um processo metafórico que leva em conta a anatomia do objeto, ou seja, a cauda, anatomicamente, lembra um “pênis ereto”. Este vocábulo, nos poemas catulianos, aparece duas vezes. Primeiramente no *carmen* em estudo, verso 9 e cujo predicado se estende até o verso 10:

*verum a te metuo tuoque pene
 infesto pueris bonis malisque.*

Além de estar presente neste poema, o vocábulo aparece outra vez em Catulo, no *carmen* xxv-3, que é uma crítica a um certo Talo por seu comportamento afeminado ou, como diríamos, pelo fato de ele “desmumhecar” muito.

*Cinaede Thalle, mollior cuculi capillo
 vel anseris medullula vel imula oricilla
 vel pene languido senis situque araneoso,...*

Ó Talo maricas, (tu és) mais suave do que o pelo de um coelho,
 Ou a pluma de um ganso ou o lóbulo da orelha
 Ou o pênis mole de um velho ou a teia de uma aranha,...

3. XVI. *Ad Aurelium et Furium*

Já citado no poema anterior, Aurélio agora é colocado ao lado de outro grande devasso, segundo o nosso poeta: Fúrio. Os versos são, na verdade, uma defesa que o autor faz de sua poesia, após aqueles o acusarem de produzir versos curtos, deselegantes, pouco refinados e indecen-

tus. Pathicus, então, na relação homossexual, é aquele que pratica a *ir-rumatio*; já *cinaedus*, que originalmente significava “dançarino”, é aquele que sofre a “pedicação”. A origem deste termo se deve, provavelmente, ao fato de músicos e dançarinos, graças ao seu caráter libertino, se entregarem frequentemente à prostituição.

4. *Carmen XXXII*

O poema é dedicado à prostituta *Ipsitilla*, em grego *Hypsithylla*, cujo significado, segundo Verger, é “Grande festival de amor”. Ele assim se divide: o poeta pede a ela que o convide para sua casa (versos de 1 a 3); conselhos do poeta (4-8) e rogo para que ela se apresse em convidá-lo (9-11).

Vamos aos versos a serem comentados:

*sed domi maneat paresque nobis
novem continuas fututiones.*

Mas que permaneças em casa e que obtenhas para nós
nove cópulas seguidas

O verbo latino com valor obsceno mais básico para a relação sexual entre um homem e uma mulher era *futuo*. A sua etimologia é desconhecida, mas deve ser derivado de **futo*, “bater”, “atingir”. Dele, com certeza, deriva o substantivo *fututio*, *-onis*. Embora o verbo possa ser empregado para insultar ou agredir, notamos que, aqui, o poeta faz uso do substantivo para enaltecer as qualidades de *Ipsitilla* como prostituta. Qualidades estas que o levam a “subir pelas paredes” e a querer “dar nove” seguidas.

5. *XXXIII. Ad Vibennios*

O poema é uma invectiva contra duas pessoas, sendo apenas a primeira conhecida pelo nome. Do primeiro ao quarto verso aparecem o pai, um ladrão dos banhos públicos (*furum balneorum*), e o filho, um homossexual passivo (*cinaede*); do quinto ao oitavo, encontramos conselhos e as razões por que eles devem proceder segundo o que foi dito pelo poeta. Eis o texto:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

*O Furum optime balneariorum
Vibenni pater et cinaede fili
(nam dextra pater inquinatore,
culo filius est voracior),
cur non exilium malasque in oras
itis? quandoquidem patris rapinae
notae sunt populo, et natis pilosas,
fili, non potes asse venditare.*

Em termos de vocabulário obsceno, o autor, para se referir ao jovem devasso, emprega um termo já citado e comentado por nós, *cinaede*. O segundo ataque ao filho vem através dos vocábulos *culo* e *natis*.

Ao comparar o comportamento do pai e do filho, o autor faz uso da hipérbole e diz que enquanto o genitor é o mestre dos ladrões dos banhos públicos, o filho tem um *culo* voraz, insaciável. De origem incerta, segundo Adams, a palavra *culus* era o termo básico para *anus*. Este vocábulo aparece nove vezes nos poemas de Catulo. Em seguida, o poeta, ao dizer que o filho “não consegue vender as suas nádegas cabeludas nem por um asse”, transfere o significado geral desta palavra (a região onde se encontra o ânus) para um sentido mais restrito, mais específico, ou seja, o *culus*, conforme testemunho de Adams: “... *though nates occasionally comes close to the sense ‘culus’...*”.

6. XCIV. Ad Mentulam

*Mentula moechatur. Moechatur mentula? Certe.
Hoc est quod dicunt: ipsa olera olla legit.*

Mentula é um fornicador. É um fornicador Mentula? Com certeza. Isto é o que dizem: “A panela recolhe os legumes”.

Os versos acima são dirigidos a Manmurra, apelidado de *Mentula* por Catulo. Ele era comandante e amante de César, e, por tabela, objeto de discórdia de Catulo. O seu apelido se origina certamente da sua vida promíscua e devassa e, provavelmente, do fato de ele exercer a posição passiva durante a relação homossexual. Por meio do paralelismo quiástico no primeiro verso, o autor reforça a fama de fornicador e devasso atribuída a Manmurra. O epigrama é concluído com um provérbio latino que equivale a “Cada um faz o que sabe”.

A palavra obscena mais frequente em Catulo para designar o órgão sexual masculino é *mentula*. Em sua obra, ela aparecerá oito vezes: duas vezes nos versos jâmbicos (*carmina* xxix e xxxvii) e seis vezes nos metros elegíacos (xciv, cv, cxiv e cxv). De etimologia controversa, há,

pelo menos, três explicações para a sua origem. O dicionário de Ernout-Meillet cita a etimologia *eminere, mentum, mons*, significando “aquilo que projeta”, apenas para refutá-la. Outra possibilidade seria ligar este vocábulo ao sânscrito *mánthati*, “rodopios”, “piruetas”, no sentido de “uma coisa que se esfrega, que roça”. A terceira e a mais aceitável etimologia para esta palavra é que *mentula* seria o diminutivo de *menta*. Voltando aos versos do veronense, o vocábulo em questão além de servir, como já vimos, de apelido para Mamurra, é empregado principalmente para se referir ao *membrum virile*. Abaixo apresentaremos alguns poemas em que a palavra *mentula* aparece com este último significado.

7. XXIX. *In Romulum cathamitum*

Esta poesia é um ataque a Pompeio e a César. Assim ela se estrutura: do verso um ao quatro, o poeta interroga a alguém sobre o porquê de Mamurra, embora moralmente indigno, estava a gozar dos prazeres e das benesses da Gália e da Britânia; do verso 5 ao 10, ele nomeia este alguém (provavelmente Pompeio) como *cinaede Romule*, “maricas de Rômulo” e o caracteriza, por está de acordo com as atitudes de Mamurra, como um sem vergonha (*impudicus*), um glutão (*vorax*) e um jogador (*aleo*), características estas com certeza compartilhadas com Mamurra; do 11 ao 14, graças a sua atitude de a tudo devorar, este recebe a alcunha de *Mentula*; do 15 ao 19, o vate enumera tudo que o general de César dilapidou: desde a fortuna dos pais até a longínqua Britânia; por fim, critica a César (sogro) e a Pompeu (genro) por terem consentido que este impudico estendesse os seus tentáculos insaciáveis às colônias romanas. Do poema em estudo, transcrevemos apenas a parte que consideramos mais significativa para os comentários que já fizemos e destacamos, ainda, o verso treze, que traz o significante de *mentula, diffututa*, derivado do já conhecido *futuo*, e que denota um tipo de união sexual promíscua, como a praticada por Mamurra. Os versos abaixo retratam o que foi dito:

cinaede Romule, haec videbis et feres? 9
es impudicus et vorax et aleo.
eone nomine, imperator unice,
fuisti in ultima occidentis insula,
ut ista vestra diffututa mentula
ducenties comesset aut trecenties? 14

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Maricas de Rômulo, verás isto e irás tolerar?
Tu és imoral e voraz e jogador.
Com esse nome, único governante,
Estiveste na última ilha do ocidente,
Para que esse vosso insaciável pênis
Comesse vinte ou trinta milhões?

8. XXXVII. *Ad contubernales et Egnatium*

O poema em estudo assim está dividido: do verso 1 ao 5, o poeta se dirige aos clientes de um prostíbulo; do seis ao dez, ele profere ameaças contra eles; do onze ao dezesseis ele justifica o porquê das ameaças; do dezessete ao vinte, ataca a um certo Inácio.

Abaixo destacamos os cinco primeiros versos:

*Salax taberna vosque contubernales,
a pilleatis nona fratribus pila,
solis putatis esse mentulas vobis,
solis licere, quidquid est puellarum,
confutuere et putare ceteros hircos?*

Vós clientes assíduos desta taberna de luxúria,
A nove números do templo dos irmãos gêmeos,
Julgais que só vós tendes pênis,
E que só a vós é permitido transar com todas as jovens
E tratai a nós outros como bodes?

Além da presença de *mentula*, destacamos o verbo *confutuere*, forma composta do verbo *futuere*.

9. XXVIII. *Ad Verannium et Fabullum*

*tota ista trabe lentus irrumasti.
sed, quantum video, pari fuistis
casu: nam nihilo minore verpa
farti estis. pete nobiles amicos!
at vobis mala multa di deaeque
dent, opprobria Romuli Remique.*

Neste *carmen*, que é uma invectiva política contra Mêmio e Pisão, que são, segundo o poeta, “desonra de Rômulo e Remo” (*opprobria Romuli Remique*), escrita em forma de carta a Verânio e Fabulo, além de aparecer mais uma vez o verbo *irrumare*, deve-se ressaltar ainda outro vocábulo empregado pelo vate veronense para se referir à genitália masculina: *verpa*. Bastante presente na boca do povo, o que é comprovado

pelos *graffiti*, esta palavra só é encontrada em Catulo, Marcial e o *Corpus Priapeorum*.

10. XCIII. *Ad Gaium Iulium Caesarem*

*Nil nimium studeo, Caesar, tibi velle placere,
nec scire utrum sis albus an ater homo.*

Não me preocupo muito, César, em querer agradar-te
nem em saber se tu és um homem branco ou preto.

Criticado e xingado frequentemente por Catulo, Júlio César é neste e em outros poemas sua fonte de inspiração. Assim, encontramos aqui uma crítica ao físico e ao comportamento de César no que tange à sua sexualidade. Para isso, o poeta faz uso de dois adjetivos: *albus* e *niger*. Segundo alguns comentaristas, se aceitarmos que estes determinantes correspondem aos adjetivos gregos *leukós* e *mélas*, ficará claro a bissexualidade de César, uma vez que o primeiro adjetivo servia para denominar um homossexual passivo, enquanto o segundo, um homossexual ativo.

11. LVIII. *Ad Marcum Caelium Rufum*

Neste epigrama, Catulo se dirige provavelmente a M. Célio Rufo, rival e substituto do poeta no coração de Lésbia. Descreve o seu passado feliz com Lésbia (1-3) em oposição ao presente sórdido dela (4-5):

*Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa.
illa Lesbia, quam Catullus unam
plus quam se atque suos amavit omnes,
nunc in quadriviis et angiportis
glubit magnanimi Remi nepotes.*

Célio, a nossa Lésbia, aquela Lésbia,
Lésbia aquela, a quem unicamente Catulo amou
Mais do que a si mesmo e a todos os seus;
Ela agora descasca, nas esquinas e nas vielas,
Os descendentes do magnânimo Remo.

Mais uma vez aparece na obra do bardo veronense um quiasmo. É empregado desta vez para contrapor a Lésbia de outrora com a atual. Aquela era uma *puella* que dedicava todo seu amor, paixão e juros de amor a pessoa do poeta e que por isso também era amada por ele. O advérbio *nunc*, porém, retrata o estado atual em que ela se encontra: depois de passar pelas mãos de vários amantes, vive agora pelas ruas de Roma

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

como uma prostituta. Não se pode dizer se realmente o que aqui é narrado pelo poeta corresponde à realidade ou se é apenas uma porta de saída para ele desafogar suas lágrimas após ter sido abandonado e traído pela sua amada. É certo, porém, que Cícero a descreve como uma mulher ambiciosa e ninfomaníaca.

Em termos de vocabulário obsceno, merece destaque o verbo *glubit*. Oriundo da zona rural, este verbo era empregado para designar o ato de “tirar a casca”, “descascar” uma fruta, um fruto ou um legume, como ocorre com o milho. A imagem criada pelo poeta é bem violenta, pois a Lésbia atual, diferente daquela de outrora, é apresentada como uma prostituta barata, que, por qualquer preço, masturba (*glubit*) sem nenhum pudor os cidadãos romanos.

12. Considerações finais

Esperamos ter contribuído um pouco para o estudo do vocabulário sexual latino. Catulo, graças a sua forte personalidade é, sem dúvida, uma fonte bastante fértil para esse tipo de estudo. Claro que seria bastante árduo trabalhar todos os poemas em que o vocabulário em estudo estivesse presente, razão pela qual tivemos que selecionar apenas alguns. Não nos faltará, porém, oportunidade para que, num futuro não muito distante, o que ficou pendente venha a ser trabalhado e analisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERNOUT, A; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1967.

ADAMS, J. N. *The latin sexual vocabulary*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1990.

CATULO. *Poesias*. Tradução, introdução e notas de Antonio Ramirez Verger. Madrid: Alianza, 1994.

CICERO. *Opera Omnia*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.

FORCELLINI, Egídio. *Totius Latinitatis Lexicon*. Disponível em: <<https://books.google.com>>.